



UEMS – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE ARTES CÊNICAS – LICENCIATURA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**PROJETO DE TRABALHO: UMA NOVA POSSIBILIDADE NA EJA “O
QUE É O SEU CORPO?”**

Campo Grande – MS

Novembro/2018

JESSICA PATRICIA DE OLIVEIRA BORGES

**PROJETO DE TRABALHO: UMA NOVA POSSIBILIDADE NA EJA “O
QUE É O SEU CORPO?”**

Trabalho de Conclusão de Curso,
orientado pela Profa. Dra. Keyla Andrea
Santiago, como requisito parcial para
conclusão do curso em Artes Cênicas –
Licenciatura, da Universidade Estadual
de Mato Grosso do Sul – UEMS.

Campo Grande – MS

Novembro/2018

PROJETO DE TRABALHO: UMA NOVA POSSIBILIDADE NA EJA “O QUE É O SEU CORPO?”

Autora: Jessica Patricia de Oliveira Borges¹

Orientadora: Keyla Andrea Santiago Oliveira²

Resumo: A seguinte pesquisa surgiu com o intuito de trazer ao educando formas de aprendizagem mais atraentes e convidativas, que o levassem a gostar de fazer parte do processo formativo através de um projeto de trabalho desenvolvido na Escola Estadual Professora Alice Nunes Zampiere. A instituição atende a EJA (educação de jovens e adultos), e o projeto foi desenvolvido por meio do estágio supervisionado 2 do curso de Artes Cênicas na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), na turma intermediário 3 A, que equivale aos 8ª e 9ª anos fundamental 2. Acompanhamos a professora que ministra a disciplina de Artes Visuais. Durante as observações e diálogos com os alunos e professora regente, compreendemos o contexto dos alunos, e suas vivências escolares, bem como as questões que permeiam seu cotidiano. Entendemos que as demandas de subsistência, pautadas pelo sistema capitalista, envolvem grande investimento de energia, configurando os corpos como máquinas que devem apenas produzir para manutenção do sistema, o que acaba gerando uma automatização dos movimentos corporais, afastando o corpo de si mesmo, em prol de atender necessidades que não são suas. Para refletir sobre os projetos de trabalho, foram utilizados autores como: Hernández e Ventura (2017), Ribeiro e Oliveira (2017), e ainda a obra de Haddad e Pierro (2006), que traz os fatos históricos sobre a EJA, e Freire(1996), ainda autores como Adorno e Horkheimer (1985), e Bertherat e Bernstein (1998) para tratarmos das relações que os alunos têm com seus corpos. Percebemos que o projeto de trabalho nos auxiliou a encontrar saídas e novas possibilidades para as aulas, trazendo os alunos mais próximos dos conteúdos, este trabalho foi desenvolvido entre abril e agosto de 2018.

Palavras-Chave: Projeto de Trabalho; EJA; Corpo.

INTRODUÇÃO

O estágio é um componente curricular do curso de Artes Cênicas, sendo concebido nos últimos anos da graduação (terceiro e quarto), é dividido em quatro etapas: ensino infantil, fundamental I, fundamental II e ensino médio, aqui será tratado sobre o fundamental II, em que utilizamos alguns conceitos dos projetos de trabalho para elaborar as aulas. O cumprimento do estágio é realizado em duplas, minha parceira foi a discente Sara de Melo Spinassé, que aceitou a possibilidade de

¹ Acadêmica do Curso de Artes Cênicas – Licenciatura, pela UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul –UUCG. E-mail: jpatricia251@gmail.com

² Doutora em Educação pela UFG – Universidade Federal de Goiás. Professora no Curso de Artes Cênicas na UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul –UUCG. E-mail: keylaandrea@uems.br

desenvolvermos um projeto de trabalho em sala de aula, como forma de construção de conhecimento com os alunos, com orientação e supervisão das professoras Dra. Keyla Andrea Santiago e Dra. Christiane Araújo, docentes efetivas da UEMS.

Ressaltamos que o estágio foi mais que um componente curricular obrigatório, que deveria ser cumprido para a conclusão do curso, foi um processo muito generoso de aprendizagem, e sermos colaboradoras no processo de formação e emancipação dos alunos, tornou-se uma experiência muito construtiva e enriquecedora.

Em diálogos informais, os alunos colocaram os motivos que os fizeram abandonar a escola, dentre eles: família, trabalho, filhos, dificuldades financeiras, e outras prioridades, que em certas circunstâncias de nossas vidas são inadiáveis. Na sala haviam duas mães que levavam seus filhos, mas, por motivos de força maior uma delas teve que deixar os estudos. Muitos ali enfrentam dificuldades para frequentar aquele espaço, trabalham o dia todo, cuidam de seus lares e de suas famílias, em especial as mulheres, que tem jornada dupla, pois, além de trabalhar fora, ainda têm que cuidar da casa, pode-se dizer que tripla, pois mesmo com tudo isso, ainda vão à escola de noite. E acabam por se afastar de si mesmas.

Percebemos naquela escola que uma das grandes dificuldades dos alunos é relacionar o conteúdo com suas vivências, pois, quando é preparado o plano de ensino para determinadas turmas, não se leva em consideração o que os alunos querem saber, ou que já sabem sobre o que vão estudar, são apenas receptores de informações, e torná-los locutores de seus conhecimentos, não é uma jornada fácil, abrir nossa escuta para as vozes dos alunos, dar espaço de fala para eles, sendo que esta deve ser uma escuta consciente e atenciosa.

Sendo assim, decidimos buscar uma nova possibilidade de trabalho com os alunos da EJA, para que esses desenvolvam um heautognose corporal e assim saiam do automático, buscando autonomia de seus conhecimentos.

Para realizarmos tal objetivo, utilizamos como base os projetos de trabalho, por meio dos quais a prioridade é a escuta dos alunos, e construímos as aulas a partir de suas vivências, o que já sabiam sobre o tema, e o que queriam aprender dele. Dentro da perspectiva de projetos de trabalho é fundamental a escuta sensível do professor para compreender as necessidades de seus alunos.

No Livro *Projetos de Trabalho na Educação Infantil*, as autoras Keyla Andrea Santiago Oliveira e Pollyanna Rosa Ribeiro (2017) explicam como organizar o currículo a partir da perspectiva dos projetos de trabalho, colocando em prática a escuta sensível do professor, com as vozes dos alunos, esta prática não se aplica apenas à Educação Infantil, e pode ser utilizada também no aprendizado de adolescentes e adultos. Contemplam-se as experiências por eles vividas, e principalmente, levam-se em conta as várias formas destes alunos expressarem seus sentimentos, sejam eles na escrita do papel ou em até mesmo com desenhos (RIBEIRO; OLIVEIRA, 2017).

Por meio da descompartimentação dos conteúdos, criamos elos entre temáticas e conteúdos no processo de ensino, surgiram dos alunos questões do corpo biológico, espiritual e corpo feminino, porém, ficamos apenas no corpo biológico, pois, nosso tempo com os alunos foi de quatro meses, sendo assim, tivemos que adaptar algumas questões. Percebemos que o corpo biológico seria uma grande porta de entrada, que levaria os alunos a reflexão de si mesmos, e dividimos isso em: estrutura física, superfície, articulações e características pessoais.

Para entendermos sobre a educação de Jovens e Adultos no Brasil, EJA, fizemos um pequeno panorama histórico, levando em consideração alguns fatos importantes sobre os caminhos que esta modalidade de ensino tomou, até se ramificar para que hoje fosse instituída gratuitamente nas escolas, sendo um direito de todos. Posteriormente iremos discorrer sobre os projetos de trabalho, que constituem a organização do trabalho pedagógico diferenciado, com vistas à modificação do currículo de ensino e aprendizagem, em que se dá importância ao papel do educando como responsável por sua própria aprendizagem e o Filósofo Theodor Adorno (2000) para dialogar sobre como a educação emancipa o aluno, e também o educador Brasileiro Paulo Freire (1996), conhecido pelo seu trabalho com a alfabetização de adultos, no qual a educação assume o papel de dar autonomia e conscientizar o aluno, enfatizando a formação do mesmo, e principalmente a relevância da formação dos educadores. E ainda, os relacionamos com alguns conceitos dos projetos de trabalho, defendidos por Fernando Hernández e Montserrat Ventura (2017).

Concluiremos com o relato de vivência na Escola Estadual Professora Alice Nunes Zampiere, fruto de ação docente desenvolvida em Estágio Curricular Supervisionado.

EJA - UM PANORAMA HISTÓRICO NO BRASIL

Fazendo um breve panorama sobre a educação de jovens e adultos no Brasil, verificamos não ser esta uma modalidade escolar relativamente nova e que acabou tendo muitas variações ao longo da história. No período colonial, os religiosos intitulados Jesuítas, vieram para o Brasil converter os gentios (aqueles que não possuíam vínculo religioso) à fé católica, já utilizavam de procedimentos educativos para doutrinar grande parte de adultos, para difundir o evangelho, os educadores ensinavam o funcionamento da economia colonial, inicialmente aos indígenas e posteriormente aos escravos, mais tarde, as escolas se encarregavam de colonizar as crianças (HADDAD; PIERRO, 2006).

Segundo os mesmos autores a educação Jesuítica objetivava servir aos interesses da fé, porém, com o tempo passou a ser vista com desconfiança pelo então recém-intitulado Secretário de Estado, Sebastião José de Carvalho e Melo, mais conhecido como Marquês de Pombal. Sendo assim, o mesmo reorganizou a escola para servir aos interesses do Estado, criando um sistema de ensino laico e tornando obrigatória a língua portuguesa. Porém esta educação era destinada a filhos de colonizadores portugueses, ou seja, aos homens brancos (HADDAD; PIERRO, 2006).

Em 1824 se instaurou, constitucionalmente, uma escolarização básica para todos, porém não passou de uma intenção legal. A implantação de uma escola de qualidade para todos avançou lentamente durante a nossa história, e foi concebida como direito apenas para as crianças (HADDAD; PIERRO, 2006). No império, pequena parte da população tinha direito à educação na fase inicial, e a população negra, indígena e algumas mulheres eram excluídas.

Apenas em 1894 surgiu a primeira escola com atendimento noturno, para tratar da alfabetização de trabalhadores que não tiveram oportunidade de se alfabetizar na infância, que, segundo especialistas, é o momento mais indicado para

começar a alfabetização. Sendo assim, em 1930 é que a EJA foi tomando corpo na educação brasileira, em 1934 foi gerado o Plano Nacional de Educação, que tinha como objetivo fornecer ensino primário gratuito voltado para adultos.

Mas, apenas em meados de 1945 ela começou a se instituir fortemente pelo ministério da educação, com políticas para tratar de adultos que não se alfabetizaram no tempo certo, período este de pós-guerra e redemocratização do País. Foi nessa época também que surgiu a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura), que instituiu no Brasil a campanha Nacional de Alfabetização de Adolescentes e Adultos, que foi de 1947 a 1950, quando o governo federal arrecadou verbas para desenvolver uma ação educativa para a alfabetização dessas pessoas.

A trajetória da EJA é um pouco conturbada no seu processo de desenvolvimento, resumidamente surge como forma de corrigir uma escolaridade deficiente, com o objetivo de alfabetizar a população. Com o desenvolvimento do capitalismo no século XX, a educação de jovens e adultos era entendido como uma reciclagem para as grandes empresas, para manter o mercado de trabalho e o capitalismo em extrema ordem, pois desta maneira é mais fácil formar mão-de-obra barata.

Um momento marcante na história Brasileira foi a criação do MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) em 1970, durante o período da Ditadura Militar, que tinha como objetivo a alfabetização funcional de jovens e adultos, ensinando técnicas de leitura juntamente com o cálculo para uma reintegração à sociedade ou uma melhor disponibilidade ao mercado de trabalho daquela época, para assim melhorar suas condições de vida. Contudo em 1985 este programa foi extinto, e houve o desenvolvimento de outros programas de alfabetização. Em 1970, ainda foi criado o Ensino Supletivo, como mais uma campanha de alfabetizar adultos e adolescentes, com o objetivo de suprir a escolarização aos que não frequentaram a escola no período regular.

Entendia-se por Educação de Jovens e Adultos, conhecimentos passados da cultura letrada de forma superficial, com poucos conhecimentos abordados. Esse pensamento de ensinar superficialmente estava totalmente ligado a interesses políticos, e das grandes elites, que entendiam os “não letrados” como pessoas

desprovidas de instrução, e se eles recebessem apenas uma pequena porcentagem de conhecimento, que os possibilitasse aprender a escrever seus nomes já era o suficiente, pois assim seria mais fácil para as hierarquias detentoras de poder, principalmente político, manter a ordem social por eles foi instituída, ou seja, mantê-los no cabresto.

A EJA é uma modalidade de ensino que vem ajudando milhares de brasileiros a terem acesso à educação na fase adulta. Pessoas que veem nesta modalidade uma forma de dar a volta por cima, quando não tiveram a oportunidade de concluir o ensino básico ainda jovem. As secretarias de educação estaduais e municipais disponibilizam a EJA em todos os Estados do Brasil como uma forma acessível de terminar os estudos.

A Educação de Jovens e Adultos atualmente está inserido na Constituição Brasileira para tentar erradicar o analfabetismo e dar acesso à população que não teve a oportunidade de concluir os estudos na faixa etária adequada para o término dos estudos regulares; devemos compreender que a definição legal de entrada na *idade adulta* varia entre os 20 e os 21 anos, porém, em se tratando da EJA, esse tempo de cumprimento dos estudos é repensado para que pessoas acima desta idade tenham a oportunidade de concluir o seu processo de aprendizagem.

Nesse contexto de não conclusão dos estudos no tempo estipulado como “correto”, há diversos problemas políticos e sociais, como por exemplo, algumas situações que vivenciamos na escola: ter que trabalhar para ajudar a família com as despesas de casa, meninas engravidaram e não tinham outra maneira de continuar os estudos, meninos que se tornaram pais, entre outros fatores que permeiam o cotidiano de muitos alunos que atualmente procuram a EJA.

A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 6º, aponta a educação como direito social, juntamente com saúde, trabalho, lazer, segurança, moradia, prevenção social, proteção à maternidade e a infância, sendo que, a oferta da educação básica gratuita e obrigatória é dever do Estado, inclusive para aqueles que não tiveram acesso na idade própria, com isso o atendimento aos jovens e adultos passou a ser ampliado.

A LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), lei nº 9.394, de 1996, vem a organizar o sistema educacional brasileiro em dois níveis de ensino: a Educação Básica, composta pela Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, e o Ensino Superior, havendo ainda mais modalidades de educação, como Educação de Jovens e Adultos, Educação Profissional, Educação Especial, Educação Indígena e Educação a Distância, sendo que, em seu art. 37 enfatiza que a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida (BRASIL, 1996).

Seguindo a perspectiva de que o educar é uma prática de constantes descobertas, em que ensinando se aprende e aprendendo se ensina, destaca-se o educador Paulo Freire, precursor da alfabetização de jovens e adultos, com uma proposta que vai muito além do que foi exercido nas práticas escolares até então, sua metodologia consiste em utilizar a vivência dos alunos para estimular o aprendizado e criar participação efetiva dos alunos dentro da sala de aula. Essa proposta faz com que o aluno tenha prazer em aprender, de uma forma libertadora, estimulando o pensar, e desenvolver suas próprias teorias. O papel do professor da EJA é de mediador, levando temas que se adequem à realidade dos alunos, deixando-os cada vez mais inseridos no contexto da sua comunidade, sua cultura e suas crenças, é um processo no qual o aluno é responsável pelo desenvolvimento da sua própria história.

Paulo Freire sempre deixou claro sua concepção de que o método de ensino utilizado tradicionalmente é uma forma de domesticar os alunos, e os mesmos não têm liberdade de se expressar, ou dar sua opinião a respeito dos conteúdos que lhes são impostos, o que cria uma legião de alunos que não aprenderam a pensar, apenas a seguir normas, sem questionar. Na EJA, é fundamental que o docente conheça a realidade da comunidade escolar para a qual irá ensinar, principalmente em questões como exclusão, desigualdade social, preconceitos e tantas outras dificuldades vivenciadas pelos alunos. Deve-se trabalhar dentro do contexto do educando, incentivar a curiosidade do aluno e aguçar nele a vontade de descobrir o novo, para que se sintam importantes dentro das práticas educacionais existentes na sala de aula.

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino. Exercer a minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como gente e a que corresponde o dever de lutar por ele, o direito à curiosidade. Com a curiosidade domesticada posso alcançar a memorização mecânica do perfil deste ou daquele objeto, mas não o aprendizado real ou o conhecimento cabal do objeto. A construção ou a produção do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de "tomar distância" do objeto, de observá-lo, de delimitá-lo, de cindi-lo, de "cercar" o objeto ou fazer sua aproximação metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar (FREIRE, 1996, p. 34)

O docente precisa estar em constante aprendizado, as mudanças acontecem de forma muito rápida, sendo assim, o professor precisa reciclar-se o tempo todo, e estar preparado para adaptar-se facilmente a diferentes condições dos seus alunos, desde diferença de idade entre os mesmos, até diferença de conhecimento, quando então uns vão saber mais que os outros, porém, ele precisa saber valorizar estes saberes, tem que fazer com que o aluno sinta vontade de ir às aulas, não se sinta menosprezado, e não queira apenas estar presente, e sim, participar ativamente dos debates sobre os conteúdos ministrados, saindo da experiência, totalmente transformado.

Ainda seguindo este contexto, de formação de uma sociedade de pessoas emancipadas, que seguem seus próprios preceitos e ideologias, temos as ideias de Theodor W. Adorno (1995), um cético em relação aos meios de comunicação de massa, questionador da formação apenas para mão de obra, co-criador do conceito "indústria cultural³", sendo que esta corresponde à continuidade histórica de condições sociais de manipulação de massas, em que o trabalhador nunca vai sair da condição de subordinado, e o grande capitalista, visando apenas o lucro, mantém sua produção em níveis elevados, sem dar condições para que o empregado possa ter uma formação e mudar sua condição de vida. Adorno defende que a educação deve ser utilizada em forma de contestação e resistência, defende a necessidade de crítica permanente, o educador dá apenas uma fagulha, e o aluno através de suas

³ Este é um conceito presente no ensaio "A Indústria Cultural: O Esclarecimento Como Mistificação das Massas" presente no livro "Dialética do Esclarecimento", escrito por Theodor W. Adorno & Max Horkheimer, membros da Escola de Frankfurt. Nele os autores analisam a produção da cultura para suprir o capitalismo, criando o conceito de indústria cultural para definir a conversão da cultura em mercadoria. Não se referem aos veículos de comunicação (televisão, jornais, cinema e etc...), mas ao uso delas, para articular as culturas de massas. A produção cultural passa a ser guiada pelo consumo de mercado.

vivências se estimula a aprofundar-se e tirar suas próprias conclusões a respeito do tema.

Adorno (2000) adverte os educadores contra os efeitos negativos de um processo educacional, que não conduza o aluno a argumentar de forma intelectual, para que aprenda a aperfeiçoar sua consciência, de forma a não aceitar a condição de massa de manobra da classe burguesa, tentando assim formar uma sociedade mais igualitária. Tem-se, portanto, no aprendizado uma forma de soltura das algemas que os prendem ao contexto social de rendição, estimulando-os a mudar seus próprios destinos.

Acreditamos que exista uma prática pedagógica emancipadora que pode ser utilizadas na escola, quando então ela passa a se tornar um espaço de compartilhamento de saberes, vivências, ética, política, experiências estéticas e sensíveis, permitindo que o aluno reflita sobre tudo que lhe é ensinado.

No conceito de “Educação Emancipadora” pensado pelo filósofo (ADORNO, 1995), a educação precisa ter um papel de busca da emancipação, evitando e questionando a educação autoritária, para assim contribuir para a libertação humana, libertação no sentido de que o conhecimento traz liberdade e autonomia. Quando um ser consegue ter uma educação participativa, tendo a oportunidade de questionar e criticar, ele passa a não mais aceitar a submissão. Vendo a educação como um caminho privilegiado para a formação do indivíduo, o ser se constrói com base na educação, e se torna ou não, um ser alienado.

Adorno traz em seu texto o fenômeno da barbárie, para ele é definida de tal forma:

Suspeito que a barbárie existe em toda a parte em que há uma regressão à violência física primitiva, sem que haja uma vinculação transparente com objetivos racionais na sociedade, onde exista, portanto, a identificação com a erupção da violência física. “Por outro lado, em circunstâncias em que a violência conduz inclusive a situações bem constrangedoras em contextos transparentes para a geração de condições humanas mais dignas, a violência não pode sem mais nem menos, ser condenada como barbárie” (ADORNO, 1995, p. 159 - 160).

Ele identifica a barbárie dentro do nazismo quando as pessoas agiam com violência física, como se isso fosse algo tão normal e banal, os que viviam nessa sociedade passavam a se identificar com essa violência. E a educação tem o papel

de impedir a volta de tal barbárie. Hoje vivemos a violência da exploração, muitos alunos da EJA passam por ela, que representa os primeiros passos para a instalação da barbárie, que impedem a autonomia, a emancipação, a consciência, a liberdade.

PROJETOS DE TRABALHO

Os projetos de trabalho são a prática emancipatória que pode auxiliar na construção da autonomia, buscando romper barreiras estabelecidas pela educação tradicional⁴, usando a Globalização dos conhecimentos, conceito utilizado por Fernando Hernández e Montserrat Ventura (2017).

[...] a noção de globalização que encontra na prática escolar uma forma mais generalizada. Produz-se quando o docente, partindo de um tema que surge da turma ou que venha nas programações oficiais ou em livros-texto, trata de propor aos alunos algumas relações. Para isso, vai fazendo confluir diferentes conteúdos de várias matérias em torno do tema escolhido. Os problemas de matemática, os textos de linguagem, as experiências propostas à turma se agrupam em torno de um tema comum (HERNANDEZ & VENTURA, 2017, p. 50).

Esta noção de globalização está ligada a um caráter somático do aluno e docente. No docente, está na questão de como ele consegue dialogar com conteúdos em aprendizado, através de experiências corporais e cognitivas. Um exemplo bem simplório são as temáticas que a escola traz para o professor trabalhar, como o ciclo da água. Como ele pode relacionar esse conteúdo com a sua matéria de arte, sem deixar de compartilhar em sua totalidade? Esse tema está ligado a diversas áreas curriculares, desde a biologia até a arte. Não devemos banalizar as áreas de conhecimentos para legitimar as que dominamos, mas, utilizarmos delas para que o aluno entenda as diversas formas de compreender as maneiras de estudar sem desassociar os conteúdos.

⁴ Desenvolvida no século XIX a escola tradicional tem como característica não permitir que os alunos questionem os professores, pois estes são vistos como detentores do conhecimento, sendo suas posições inquestionáveis. O educador tem como posição detentor do conhecimento por este motivo responsável pela transferência de conteúdos, pré-selecionados por um currículo estável, cabe ao aluno à assimilação passiva e automática.

Um das ideias centrais dos projetos, segundo (Hernández e Ventura, 2017), é que o ensinar deixa de ser uma mera transmissão de conteúdos, e passa a ganhar um novo sentido que ultrapassa o ato da memorização, pois os alunos desenvolvem questões e buscam solucioná-las. Neste sentido os autores esclarecem que os projetos de trabalho buscam a ressignificação do espaço escolar, deixando-o com um ar de interação, mais aberto à realidade, com diversas perspectivas para compreender os processos de aprendizagem. Deste modo, o conhecimento é construído fazendo com que o contexto dos estudantes seja utilizado na prática, pois, as atividades dos alunos não podem ser explicitadas apenas na forma intelectual, elas passam por aspectos cognitivos, sociais, emocionais e corporais (a área do conhecimento que enfatizamos nesta pesquisa). Pensando assim, a escola não deve ser um mundo à parte do real, mas, como um espaço de compartilhar saberes, ele deve estar ligado à realidade.

Dentro dos projetos o aluno tem um papel ativo, ele é estimulado pelo professor a pesquisar, problematizar, discutir questões e expor suas conclusões. E o professor deve orientar/mediar os caminhos para que isso aconteça; sendo presente nas ações, para que os alunos não se percam na pesquisa estabelecida, isto é, de suma importância, e principalmente exige a participação de todos.

Por este prisma estamos visando à ressignificação do contexto escolar, colocando o professor como um mediador de conhecimentos, despertar no aluno a vontade de saber mais sobre determinado tema, não tirando a postura ativa do professor dentro da sala de aula, mas levando em consideração os corpos dos alunos que participam das atividades propostas. Um aluno que se sente parte do tema, vai ter prazer em desenvolver as atividades, criando um resultado muito mais proveitoso para todos os participantes do processo.

A participação dos alunos se dá tanto na escolha do tema, quanto no decorrer das aulas. A temática não surge do nada, ela aparece dentro das próprias aulas, tanto em observações, quanto em diálogos. Desta forma surgiu o tema “corpo”, descrito na introdução, ele advém de uma experiência com os alunos e não apenas de uma vontade das professoras, os alunos diretamente construíram essa temática, assim nos estimularam a pesquisar mais sobre o tema

PROJETO DE TRABALHO “O QUE É SEU CORPO”

Em conversas com minha parceira de estágio, Sara, sobre nossas observações da turma intermediário 3 A, da escola Estadual Professora Alice Nunes Zampiere notamos um distanciamento dos alunos com seus próprios corpos, isto era bastante perceptível na forma como eles se relacionavam com os colegas da classe. Decidimos levantar a questão: “O que é o seu corpo?”, e eles escreveram suas percepções de si, em papéis, e nos entregaram. Analisando as respostas, desenvolvemos os planos de aula, construídos semana após semana, pautados nos conhecimentos específicos de teatro e dança, pois, sabemos que essas áreas do conhecimento nos permitem trabalhar o corpo, que é objeto de estudos e pesquisas e fazem parte da graduação de Artes Cênicas. Através da análise das respostas escritas pelos alunos, organizamos os tópicos: Corpo biológico, social, espiritual e feminino⁵. Porém, pelo curto espaço de tempo, e para que pudéssemos realizar um trabalho bem elaborado, decidimos por utilizar apenas a questão do corpo biológico.

Tínhamos a impressão, através dos relatos dos estudantes, que há muito tempo eles tinham desabilitado seus corpos, como se as suas funções estivessem pautadas apenas nos movimentos mecânicos para suprir necessidades diárias. Então para desenvolvermos a analogia do corpo com os alunos, utilizamos o livro de Therese Bertherat (1976), *O Corpo Tem Suas Razões*, ressaltando formas de reabitar esta casa, cujos donos, por algum motivo, perderam a chave pelo caminho, e agora seria necessário reconhecê-lo como corpo novamente.

Nossos corpos estão cheios de partes, e sensações para serem descobertas, sensações às quais tentamos chegar através da percepção corporal, para nos conhecermos e termos autonomia de nós mesmos. Porém, por padrões sociais que nos são impostos, somos automaticamente desmotivados a apreciar nossos corpos, a mídia nos traz padrões de beleza que não se enquadram com o nosso biotipo, capas de revistas com mulheres magras e homens musculosos, temos a impressão de estarmos sempre abaixo dos padrões, e ficamos perdidos, pois não conseguimos alcançar essas referências, além disso, a sociedade acaba nos impondo formas de comportamento, como maneiras de falar, andar, e vestir.

⁵ O tema feminino surgiu das escritas dos alunos sobre seus corpos, tanto homens como as mulheres falaram dessa questão.

Desde a infância nossos corpos sofrem pressões sociais, somos moldados e disciplinados para atendermos aos padrões. Sendo assim, conhecer e reconhecer o corpo, e perceber as potencialidades de criação, foi o maior foco do estágio. Na sociedade em que vivemos somos condicionados a passar por um processo de mecanização, e nos relacionamos com os nossos corpos como se fossem apenas mecanismos para desenvolvermos as demandas às quais somos expostos, nos tornamos corpos mecanizados, como resultados do processo no qual estamos inseridos.

Se as paredes ouvissem... Na casa que é o seu corpo, elas ouvem, as paredes que tudo ouvem. As paredes que tudo ouviram e nada esqueceram são os músculos. "Na rigidez, críspação, fraqueza e dores dos músculos das costas, pescoço, diafragma, coração e também do rosto e do sexo, está escrita toda a sua história do nascimento até hoje (BERTHERAT;BERNSTEIN, 1976, p.11).

Sendo assim, percebemos a força que a indústria cultural tem sobre nossos corpos, e segundo esse conceito, tudo se torna negócio, as culturas são massificadas e transformadas em mercadorias que visam lucro, para tanto é criado uma sistemática para atender o mercado, as culturas passam a ser homogêneas, e padronizadas. A mídia vende padrões impossíveis de serem alcançados.

A unidade evidente do macrocosmo e do microcosmo demonstra para os homens o modelo de sua cultura: a falsa identidade do universal e do particular. Sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear. Os dirigentes não estão mais sequer muito interessados em encobri-lo, seu poder se fortalece quanto mais brutalmente ele se confessa de público. O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem (ADORNO;HORKHEIMER, 1947, p.57).

A todo o momento nossos corpos são anulados, nossa única função é integrar a sociedade, como meras máquinas que reproduzem esses padrões. Não é nada fácil reabitar nossas casas, aqui associadas aos nossos corpos, como morar neles se nem conseguimos apreciá-los, ou conhecê-los?

Os alunos sempre se mostraram interessados pelo que lhes era proposto em sala de aula, escutando com atenção nosso compartilhamento de saberes, cada aluno, ali, era um indivíduo cheio de percepções a compartilhar conosco, cada um tinha suas vivências, porém, naquela sala eles buscavam o mesmo objetivo, a conclusão dos estudos, que por motivos outros, não conseguiram concluir no tempo adequado.

Ficamos inquietas com as questões que fomos notando acerca dos corpos dos alunos, e nos perguntado como poderíamos inserir isso no contexto das aulas, foi aí que tivemos o primeiro contato com os projetos de trabalho, compreendemos que poderíamos trabalhar essa questão com os alunos com a educação convencional, mas, o que mais nos contemplaria naquele momento seriam os projetos de trabalho. De forma ordenada, conseguimos arredondar uma temática para as aulas, apontamos questões junto aos alunos, e chegamos à grande construção e desconstrução de conhecimento, aprendemos juntos nesse processo que envolveu professores, alunos da graduação, e alunos do ensino básico, digamos que foi uma grande experiência de vida.

Da pergunta lançada no o primeiro dia de regência “o que é o seu corpo?”, surgiram diversas respostas, que relatavam a percepção dos alunos com seus corpos. Separamos as que mais nos tocaram e as evidenciamos neste trabalho, porém, todas as respostas foram lidas para os que estiveram presentes nas regências.

É uma pessoa, que sou eu, que anda que trabalha etc. O meu corpo é uma estrutura humana, capaz de tudo, ele é corpo de carne e osso, um ser humano. Um corpo mortal que sou eu. Me sinto bem com meu corpo, cuido dele muito, o corpo ser humano, um corpo que eu mantenho em forma, um corpo que se usa, um corpo que se alimenta que faz várias coisas ao mesmo tempo. O meu corpo é muito importante pra mim, sem ele como eu seria, um ninguém claro, acima de tudo ele é super importante porque ele é um corpo ser humano, as vezes nós não paramos para descobrir e sentir ele quando paramos descobrimos várias coisas sobre ele. Temos que tirar um dia para sentir nosso corpo. Afinal é um corpo físico que conta. Temos que dar importância para o nosso corpo” (*colaborador 1*⁶).

Em umas das aulas levamos um vídeo para tratar da negritude, em que a narradora contava seu processo de aceitação, o que cada parte de seu corpo representava para ela, e como conseguiu se desfazer dos padrões, e se amar, amando suas especificidades. Posteriormente pedimos para que os alunos relatassem quais características eles mais gostavam, e as que menos gostavam em seus corpos. “Sou Bruna, tenho a pele negra, meu rosto é a parte do meu corpo que eu mais admiro, tenho uma pinta que amo muito, meus olhos são escuros, minha sobrancelha é grossa, e também amo meu sorriso” (*colaboradora 2*).

⁶ Colaborador e colaboradora é o codinome escolhido para compartilhar as percepções dos alunos e alunas da EJA, essas respostas em forma de citações são oriundas da pergunta do primeiro dia de aula “O que é o seu corpo?”, todos os relatos dos estudantes estão escritos conforme nos foram compartilhados, sem correções ortográficas, para manter a fidedignidade do que foi relatado por eles.

Eu não me acho bonita, mas dizem que meu sorriso é bonito, meus cabelos e olhos, mas eu particularmente gosto dos meus olhos e do meu nariz, acho perfeito até demais e minhas sobancelhas também. A única coisa que eu não gosto no meu rosto é meus dentes e boca e só (*colaboradora 3*).

Todos ali eram diferentes, cada um, com suas características que os tornavam únicos, todos vinham de um processo diferente, e naquela sala podemos compartilhar um pouquinho de todos. Nas aulas sempre buscamos questionar os alunos, para que saíssem de sua zona de conforto, para se auto questionarem e perceberem os outros. Para que assim, construíssemos juntos as nossas aulas.

Sabíamos de todas as dificuldades que os alunos enfrentavam para estar ali, compreendíamos quando não conseguíamos dar aulas por falta de alunos, às vezes, chegávamos à escola e eles já tinham ido embora, pois estavam muito cansados, com problemas familiares, dentre outras questões. Nossas aulas por serem as últimas, tendiam a ser reduzidas, tivemos quase sempre que adaptá-las aos planos de aula, que se desdobravam e se tornavam três, pois muitas vezes não conseguíamos desenvolver em apenas uma aula.

Para nós, foi compensador ouvir de um aluno, no final do estágio, que ele passou a perceber seu corpo, e as exposições passaram a não mais incomodá-lo, ele tinha a sensação de distanciamento entre os colegas, e um sentimento de vergonha com relação à exposição no momento de atividades práticas; isso mudou após as aulas: “Eu senti uma leve diferença, era mais quieto não participava muito das aulas, hoje perdi essa timidez durante as aulas e aprendi coisas que nunca imaginava ter conhecido, aprendi coisas do nosso corpo” (*colaborador 4*).

A cada dia em que estivemos presentes em sala de aula, junto à turma do intermediário 3º, vivenciamos momentos de grande aprendizagem, como foi importante compartilhar o que cada um tinha em sua bagagem de vida, cada palavra que foi dita pelos alunos nos provocou de diversas formas, principalmente em relação à desconstrução e aprendizagem quanto ao nosso ponto de vista acerca da EJA, e a cada palavra que levamos a eles, buscamos a serenidade, demonstrando a intenção de compartilharmos e não de impormos.

No total foram trinta aulas nas quais estivemos junto a essa turma, com dez observações participativas e vinte regências, buscamos sempre estar com escuta disponível para críticas, sugestões e colocações dos alunos acerca do tema que

emergiu das observações, minhas e de Sara. E para ilustrar melhor o trabalho compartilhado na Escola Estadual Professora Alice Nunes Zampiere, em uma turma da EJA, deixo essas citações de duas alunas, que foram entregues no último dia de aula, depois de três meses compartilhando nossas experiências. Juntos nós aprendemos, compartilhamos questões de nossos corpos e nossas vivências, construímos saberes, pesquisamos, nos questionamos e desconstruímos preconceitos.

Meu corpo é minha casa onde expresso os meus sentimentos, onde tenho que cuidar para mantê-lo em movimento e com saúde. Aprendi que temos que tirar um tempo do nosso dia para refletirmos descansar a mente e aliviar o estress e sentir todas as nossas articulações (*colaboradora 5*).

Através do nosso corpo conseguimos passar como estamos o que estamos sentindo, podendo demonstrar se estamos de bem com a vida ou não. Nosso corpo é magico, nosso corpo é tudo! Nosso corpo é capaz de tudo! (*colaboradora 6*).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: RASCUNHOS E PERCEPÇÕES

A escolha desta escola não foi por acaso, um bairro periférico, com funcionários receptivos e coordenação prestativa, onde a professora regente esteve aberta a novas possibilidades, sempre apoiando as questões na sala. O que vivenciamos nessa escola foi único.

Vemos que os projetos de trabalho foram nosso suporte na construção das aulas, entendemos que existem outras perspectivas de ensino que vão além do saber da ciência que generaliza e não percebe as especificidades, e não são menos importantes que o saber popular, que o vivenciar o espaço escolar, em suas diversas facetas do real, isso trouxe novas possibilidades de aprendizagem. Saindo do automático de levar conteúdos prontos e fechados para os alunos, dando espaços para discursões, resolvemos as questões mais problemáticas. Demos autonomia para os alunos refletirem sobre as questões do seu corpo e da relação do corpo com o mundo que viveu, para que se tornassem sujeitos do seu próprio conhecimento.

Temos certeza que de alguma maneira trouxemos uma mudança, e por menor que tenha sido, foi muito relevante, pois, foi perceptível ao observarmos no

relato dos alunos, do início até o fim da regência, que transformações aconteceram, tanto nos discentes quanto nos docentes.

Portanto, concluímos esta pesquisa com grande satisfação, sabendo que ela está além destas laudas, assim como o ensino está além das escolas. Consideramos que o conhecimento é fundamental na construção do sujeito, e o professor é grande responsável por isso, é na educação que apreendemos a ser críticos, nos conhecer, buscar novas perspectivas de conhecimento, e de investigar o mundo. Temos a convicção que as artes, em geral, são grandes responsáveis por essa emancipação do sujeito, e além de tudo pelo estímulo da criatividade.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2000
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. **Dialética do esclarecimento**, v. 2, p. 113-156, 1985.
- BERTHERAT, Therese; BERNSTEIN, Carol. **O corpo tem suas razões: antiginástica e consciência de si**. Martins Fontes, 1998.
- BRASIL. Decreto-lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Da Educação de Jovens e Adultos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l9394.htm> Acesso em: 02 jul. 2018.
- BRASIL. Decreto-lei nº 10.172, de 09 de janeiro de 2001. Plano Nacional de Educação – PNE. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/leis_2001/l10172.htm Acesso em: 10 ago.2018
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de jovens e adultos**. 2006
- HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Monserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio**. Penso Editora, 2017.
- RIBEIRO. Pollyanna e OLIVEIRA. Keyla Andrea. **Projetos de trabalho na Educação Infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2017.